

**SINAGOGA KAHAL ZUR ISRAEL: RAÍZES SEFARDINS DO RECIFE
COLONIAL. 1367 – 1645.**

Nelson Felipe Cavalcante Macena.
macena8@hotmail.com
Graduando em História.
Universidade Estadual da Paraíba.

O Recife possui memórias que se perpetuam em sua grandiosa história, sem perder sua dimensão de brilho e de magia. Os reflexos do passado se misturam com complexas incógnitas do presente criando um ambiente de constantes lutas do tempo. Há cidades que procuram “burlar” o seu passado, destruir sua memória, como se garantisse sua “identidade” moderna ou como alguns preferem pós-modernas. É uma fuga que, apenas significa o sufrágio artificial do passado e da tradição, criando mistificações. “Quebrando seus espelhos com espadas de demônios ensandecidos que arquitetam uma história linear e se ligam num futuro que pode significar o próprio apocalipse”, como na fala do historiador Antonio Paulo Rezende.

Nos fala Halbwachs: “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2004: pp.75-6).

O envolvimento com o tempo, a construção de lembranças e esquecimentos são, portanto, (re) produções da escrita da história. O Recife não escapa dessas (re) produções. Seus fortes vínculos com o passado convivem com as constantes modernizações seculares que nos levam ao domínio holandês. Quem pode esquecer toda a emblemática que se criou a partir dos feitos de João Maurício de Nassau? Na história do Recife, o passado tem uma presença praticamente demolidora com relação aos seus projetos de futuro. “Tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram. Para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma

importância, uma vez que não foram por eles afetadas da mesma maneira.” (HALBWACHS, 2004: PP.89-90)

A história de uma cidade não se finda, mas ao se aproximar de sua memória, aquele que a “respira” pode iludir-se com a possibilidade de prendê-la em sua totalidade logicamente não suportando-a em seus “pulmões”. Por isso, o trabalho do historiador tem uma dimensão decodificadora, na medida em que consegue criar conexões e falas entre os tempos históricos. O passado do Recife e de nenhuma cidade está estático. Os questionamentos do presente não deixam que a história se calcifique. A tradição e a modernidade não divergem em todos os sentidos, mas se completam.

A modernidade se apóia em tradições, apesar dos contrapontos, das releituras que faz a tradição. Sem a problematização, mais uma vez parafraseando Rezende “O passado torna-se um imenso espelho que nos impede de fazer uma sinfonia dos tempos, portanto cancelando os sonhos, aumentando, cada vez mais o território do medo”. O que foi vivido, contudo, se encontra, constantemente com o que está sendo vivido. Não importam as discrepâncias, tudo tem sua representação na história.

Basta se desfazer do olhar fixo para sentir que, nas cidades, os espelhos da fala de Rezende são quebrados, sem grandes obstáculos, e as ruínas possuem significados, mas a complexidade dos labirintos do presente é que se engessa os sujeitos históricos. Querer reduzi-los a mesmice da sociedade de massas ou lançá-los para o futuro sem que conheçam suas tradições, é fazer com que a cidade deixe de ser cenário e passe a ser uma “Alcatraz”, ou tristemente a cidade dos homens sem tempo.

É pensando neste tempo que propomos um estudo sobre heranças judaicas na Cidade do Recife, pois pensamos que cada artefato, cada pequeno fragmento que nos remete a estes tempos “marranos”, sefardins, judaicos trará grandes contribuições para esta história muitas vezes silenciadas. Por isso elencamos uma estrutura de grande importância e emblemática para a comunidade judaica recifense tanto de outrora quanto de hoje. A mais antiga sinagoga das Américas: A Kahal Zur Israel.

O edifício da sinagoga tem função tripla. A primeira é o de servir como casa de prece e oração (Bet-ha tefilah), onde as preces a Deus são realizadas.

A segunda função do espaço da sinagoga é servir de local de estudo (Bet-ha Midrash), ali que serão realizados os estudos do Torah (o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia) e do Talmud (respectivamente as leis escritas e orais da religião judaica). É através do estudo destes dois importantes livros que se construiu e que se continua construindo as bases éticas e morais da religião judaica.

O próprio termo sinagoga, originária da expressão grega *Synagein*, “reunir-se” resume o espírito do edifício. Em hebraico chama-se a sinagoga de Bet –ha Knesset, ou “Casa da Assembléia”.

Enfim, a sinagoga é o grande ponto de encontro da comunidade. É onde os debates são realizados; o centro das decisões que dizem respeito à organização e ao futuro daquela congregação. Esta, a sinagoga Kahal Zur Israel, apenas um dos vários fragmentos deste imenso espelho chamado o passado do Recife.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KAHAL Zur Israel: **Congregação rochedo de Israel**: resgate da memória da 1ª Sinagoga das Américas. Recife: Fundação Safra / Centro Cultural Judaico de Pernambuco.

KAUFMAN, Tânia Neumann. **Passo perdidos, História recuperada**. A presença judaica em Pernambuco. Recife: Ed. Bagaço.2000.

LIPINER, Elias. **Os Baptizados em pé**. Lisboa: Documenta Histórica. Veja, 1998.

MELLO, José Antônio Gonsalves. **Gente da Nação**. Recife: Editora Massangana,1989.

_____. **Tempo dos Flamengos**. Recife: Cia. Editora de Pernambuco,1979.

MENEZES, José Luiz da Mota. **Nova Iorque nasceu em Pernambuco**. Duas estrelas, um mesmo sonho. Recife: Catálogo para exposição no Instituto Cultural Bandepe, 11 de setembro 06 de outubro de 2002.

OMEGNA, Nelson. **Diabolização dos Judeus no Brasil**: martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Record, 1969.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.